

Neste livro estão reunidos a memória da fotografia em arquitetura e urbanismo da então vila e cidade de Santo Amaro da Purificação, conhecida cidade do recôncavo baiano, por ser berçário de arte, ciência, cultura, política e do local primaz do nascimento da sociedade dos engenhos, onde o valor da força de trabalho, principalmente nas lavouras de cana de açúcar, são trocados por fortes traçados na construção colonial, de vibrações barroca, neo-clássica e de inovações da arte popular.

Aproximando datas e com breves, porém concisos, textos históricos e com base na iconografia e na história oral, estas fotos aqui unidas, perpassam um período de cem anos (século XIX e XX), e são apresentadas de forma em que a visão se entrelace de forma lúdica e lúcida como no momento da sua captura, deste pequeno pedaço tão importante e esquecido da formação de nosso país.



FOTOGRAFIA E MEMÓRIA

Denilson Conceição Santana

Santo Amaro da Purificação *(Arquitetura e Urbanismo, Séculos XIX – XX)*



Denilson Conceição Santana

Santo Amaro da Purificação

(Arquitetura e Urbanismo, Séculos XIX – XX)

Denilson Conceição Santana

Série Fotografia e memória

Santo Amaro da Purificação

(Arquitetura e Urbanismo, Séculos XIX – XX)

1ª Edição
Editora Faz de Conta

2016

Outras publicações:

- "Bienal do Sertão de Artes Visuais". Catálogos I e II. Ministério da Cultura. 2016.
"A Rainha do Recôncavo", História do Engenho do Conde. Ed. Faz de Conta/UEFS. 2015.
"S/Arte". História, filosofia e procedimentos artísticos. UEFS. 2010.
"Poemas Reunidos". Ed. Faz de Conta/UEFS. 2009.
"Notes of contemporary art". Edição bilíngüe. Recôncavo Baiano, de Faz de Conta. 2004.
"A Arte Pós-Moderna, da semiótica ao uso da história". Ed. Faz de Conta, 2002.
"O Pós-Mídia, Ilusão e Pertença na Arte Contemporânea". UEFS. 2001.

In.: Dicionário de autores baianos. Governo do Estado da Bahia. SECULT. 2006.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução parcial ou total deste livro, desde que citada a fonte.
Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Ficha Catalográfica Bibliotecária: Patrícia Lima – CRB 5 – 1727

S231 Santana, Denilson Conceição

Santo Amaro da Purificação: arquitetura e urbanismo, séculos XIX -
XX. / Denilson Conceição Santana. - Santo Amaro: Faz de Conta, 2016.

128 p.: il.

ISBN:

1.Santo Amaro – Arquitetura (séc. XIX – XX). 2.Santo Amaro –
Urbanização. 3.Preservação – Memória. 4.Denilson Conceição Santana .

I. Título.

CDD 720

Fotografia e memória

Santo Amaro da Purificação
(Arquitetura e Urbanismo, Séculos XIX – XX)

Agradecimentos:

A todos os profissionais envolvidos neste projeto; Álvaro fotógrafo, Núcleo de Documentação de Santo Amaro, Marco Valadares, Família Velloso, Família Paim, Professora Nazareh (in memorian), Prof. José Raimundo, Herculano Neto, Biblioteca Padre Loureiro, e à sociedade civil e artística santo-amarense, meus irmãos.

Dedicado à Paróquia Nossa Senhora da Purificação e ao Convento dos Humildes.

Apresentação:

Por uma 'carte de visite' a Santo Amaro

Muito embora a cidade seja construída através de seu valor cotidiano, por meio da insurreição diária por sua comunidade, do trabalho árduo de seus moradores e visitantes, a memória das praças, dos becos e vielas, dos rios, dos centros de encontro, como o mercado municipal, os templos, a região do comércio, as festas de largo dos santos e ofícios que regimentaram e solidificaram a cultura desta parte específica do Recôncavo, é mister concretizar o valor que o registro fotográfico como fonte histórica e sua iconografia representa como seu 'análogon' da realidade.

Na história da fotografia, o papel muitas vezes concebido de autor imputado ao fotógrafo, ou como um mero amador “batedor de chapas”, fotógrafo oficial, de imprensa, ou autônomo, onde era preciso o controle minucioso da técnica que uma simples fotografia requisitava, seu tempo de impressão, a posição e a pesada manipulação da câmara, a competência do fotógrafo, o material empregado, sua sensibilização em chapas de vidro, etc. e concebê-lo como uma categoria social foi aos poucos sendo estabelecido.

No início, paisagens, políticos, a realeza, vultos e personagens eram os principais alvos da “câmara escura”. O tamanho das fotos variava: desde as 'carte de visite' de 5x9 cm (tipo de fotografia popular em que se obtinha um negativo podendo gerar novas cópias, num tempo de minutos de exposição e

mostrar status do fotografado), os cartões-postais, e até às molduras maiores, dependendo da intenção e do valor despendido para tal, fazendo num primeiro momento, grande parte dos pintores de miniaturas a abandonar as telas e pinceis e adquirir sua própria 'camera obscura'.

Na contemporaneidade, das técnicas de controle e preservação, o desejo deste compêndio fotográfico, é de revelar sua ampla gama de possíveis, que vão desde sua natureza específica de resgate do passado, sua cultura e valores, e como um ampliar dos estudos para a melhoria desta região. A presentificação do passado, e o olhar através das imagens aqui expostas permanecem rígidos quando se caminha ainda hoje por suas ruas e casas seculares. E voltar a atenção para nossa própria história e representação, buscando novas formas e maneira de se preservar é que se intenta. Parte deste projeto é de certa forma um posicionamento político em relação às muitas depredações do casario colonial, de estradas reais, de móveis e utensílios, da exemplar e única arte barroca, que tomam a cidade há muito tempo sem um controle ativo de preservação e encobrem de poeira e esquecimento nossa memória.

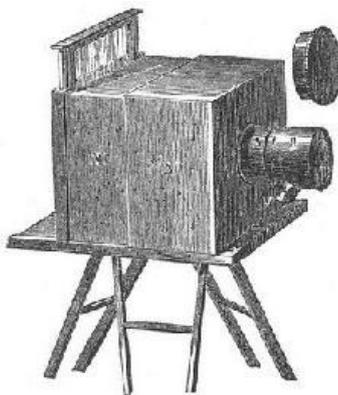
A distribuição das fotografias que tomam parte neste livro segue pela ordem de aparição de registro, ou pretende ser, visto que a direção constituinte mais em voga foi o construto da paisagem social, sua urbanidade, arquitetura e arte, de forte valor simbólico e antropológico, muito embora em que os vultos históricos e personagens da cidade se firmam entrelaçados em seu conteúdo histórico quase que como uma documentação cartorial e curatorial.

É como o historiador Jacques Le Goff nos esclarece em que há de se considerar a fotografia, simultaneamente como imagem/documento e como imagem/monumento e daí perceber sua compreensão histórica que representa em si mesma, sua relação com a experiência vivida e com o conhecimento constituído pelas diferentes áreas das ciências humanas, na arquitetura, urbanismo, luta de classes, e em toda sua amplitude na arte e ciência contemporânea, onde novas mídias urgem em corroborar na feição imagética, onde o livre conhecimento da história nos permita atravessar o tempo e buscar um futuro melhor.

Introdução:

Os primórdios da fotografia e sua historicidade

Um dos marcos na história das ciências e das artes, a primeira fotografia reconhecida, foi feita em 1826, pelo francês Joseph Nicéphore Niépce, ademais, um de seus pioneiros da Fotografia no Brasil, foi pelas mãos do pintor e naturalista francês radicado no Brasil, Antoine Hercules Romuald Florence. Florence, como ficou conhecido, chegou ao Brasil em 1824, fixando-se na cidade de Campinas, onde parte para realizar uma série de invenções e experimentos. Em 1833 Florence fotografou através da câmera escura com uma chapa de vidro e usou papel sensibilizado para a impressão por contato. Esses experimentos, ainda que totalmente isolado e sem conhecimento do que realizavam seus contemporâneos europeus, Niépce e Daguerre, obteve o resultado fotográfico, que chamou pela primeira vez de *Photografie*. Florence, por sua descoberta é considerado um dos pioneiros da/na Fotografia no Brasil, muito embora visse em 07 de janeiro de 1839 n/uma sessão conjunta das Academias de Ciências e de Belas Artes da França, em Paris, o anúncio oficial do invento ao público com a notícia da grande invenção, a daguerreotipia (imagens obtidas com um aparelho capaz de as fixar em placas de cobre cobertas com sais de prata), primeiro aparelho a fixar a imagem fotográfica, desenvolvido por Joseph Nicéphore Niépce (1765-1833) e Louis Jacques Mandé Daguerre (1787-1851) desde o ano de 1837. A patente do invento é finalmente adquirida pelo governo francês e "doada à humanidade".



DAGUERREÓTIPO

Notícia essa chega ao Brasil cerca de quatro meses depois, sendo publicado no Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro em 1º de maio de 1839, sob o título “Miscellanea”, apenas 10 dias após de ter sido matéria do Observer, de Nova York. No ano seguinte são feitas as primeiras fotos.

A fotografia chegou ao Brasil marcadamente no dia 16/01/1840, pelas mãos do abade Louis Compte, capelão de um navio-escola francês (corveta franco-belga L’Orientale) que aportou de passagem pelo Rio de Janeiro. Ele trouxe a novidade de Paris para a cidade, introduzindo a Daguerreotipia no país. (Jornal do Commercio, de 17 de janeiro de 1840, na primeira coluna; e de 20 de janeiro de 1840, na terceira coluna). Foi a primeira demonstração no Brasil e na América Latina.

Ele foi o autor das três primeiras fotos tomadas em solo brasileiro: do Paço Imperial, do chafariz de mestre Valentim e da praia do Peixe, no Rio de Janeiro, coisa que demorava cerca de nove minutos, e foi responsável por apresentar o grande invento ao imperador D. Pedro II, ou ao Sr. Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga de Bragança e Habsburgo (Rio de Janeiro, RJ, 1825 - Paris, França, 1891), grande Mecenas e fotógrafo da época. Filho de Dom Pedro I (1798-1834), é aclamado imperador do Brasil com apenas cinco anos, quando seu pai abdica do trono, em 1831. Em 1841, por meio de um decreto do ano anterior, que antecipa sua maioridade, é coroado imperador. Casa-se por procuração, em 1842, com a princesa Teresa Cristina Maria de Bourbon (1822-1889), em Nápoles, Itália.

Em 21/01/1840, D. Pedro II (aos 14 anos de idade), entusiasmado com a nova invenção apresentada por Compte, encomenda um Daguerreótipo em Paris. Em março de 1840, adquiriu um aparelho, comprando-o diretamente de Felício Luzaghy, por 250 mil réis, possivelmente a primeira máquina desta arte em mãos brasileiras, tornou-se assim, o primeiro fotógrafo brasileiro.

Tomando mais experiência o imperador começou a tirar fotos dele mesmo, paisagens e de outras pessoas. As fotografias tiradas por Pedro II eram registradas em negativos de vidro, em grandes formatos, o que resultava em alta qualidade. Mais tarde como membro ativo e protetor benemérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro desde 1839, estabelece-se como grande incentivador e mecenas das artes no país atribuindo títulos e honrarias aos principais fotógrafos atuantes no país. Promoveu a arte fotográfica brasileira e difundiu a nova técnica por todo o país. Pedro II foi o primeiro monarca a oferecer seu real patrocínio à arte fotográfica, tendo a maior e mais diversificado acervo de fotografia oitocentista constituído por um particular, organizada numa coleção que

foi reunida durante vários anos pelo Imperador. Oficialmente, ele é considerado o primeiro daguerreotipista brasileiro; fazia imagens de paisagens e de pessoas. A fotografia passou a ser o instrumento de divulgação da imagem de Dom Pedro II, “moderna como queria que fosse o reino” e torna-se também mais um símbolo de civilização e status.

Nas suas viagens pelo exterior e interior do País sempre levava uma comitiva de especialistas nos temas locais e também um fotógrafo, responsável por registrar sua passagem pelos diversos locais que visitava e fotos da família. Sua filha, a princesa Isabel (1846-1921), foi, inclusive, aluna do fotógrafo alemão Revert Henrique Klumb (?-c. 1886). E, ao ser banido do país, em 1889, pelos republicanos, doou à Biblioteca Nacional sua coleção de cerca de mais de 25 mil fotografias, que então denominou, juntamente com a coleção de livros, de Coleção Dona Theresa Christina Maria. Segundo Pedro Vasquez, essa coleção é, até hoje, “o mais diversificado e precioso acervo dos primórdios da fotografia brasileira jamais reunido por um particular, e tampouco por uma instituição pública”.

Dom Pedro II governou o Brasil de 23 de julho de 1840 a 15 de novembro de 1889. Na fotografia como em outras áreas artísticas, como a ópera, a pintura barroca, o intercâmbio entre artistas, forneceu auxílio público e privado, distribui bolsas, prêmios, medalhas e insígnias da Ordem da Rosa aos artistas mais destacados. Controlou diretamente parte das verbas da dotação da casa imperial destinadas a pensões e premiou seus artistas prediletos com esses recursos, conhecidos como "o bolsinho do imperador". “Nasci para consagrar-me às letras e às ciências” como dizia.

Nesse momento é ardil salientar a urgência da fotografia no manuseio e propalar da civilização e imagética do governo, mesmo na divulgação e intento como um instrumento de guarda e propaganda dos seus anseios, visto como um instrumento de uma memória documental da realidade e de registro desses atos além do impacto histórico desse tipo de tecnologia sobre os processos da gnose, formalizado novas práticas educativas do olhar.

“Conquanto à fotografia... é necessário que se encaminhe pelo seu verdadeiro dever, que é ser a serva das ciências e das artes, mas a mais humilde das servas (...), e dê aos olhos a precisão que faltaria à sua memória... será gratificada e aplaudida.”

Baudelaire, Charles. In: Phillippe Dubois, O ato fotográfico, Lisboa, Vega, 1992, p.23.

O Imperador D. Pedro II e sua visita a Santo Amaro

Em 1859, precisamente no dia 11 de novembro, em visitas às Províncias do Norte e Nordeste do Brasil, Dom Pedro II acompanhado da Imperatriz Dona Tereza Cristina e de grande número de nobres e pessoas da Corte desembarca em Santo Amaro a bordo de uma galeota especialmente adornada e enfeitada para tal festivo, tendo antes desembarcado a bordo do navio “Pirajá” e antes do Navio “Apa”. Sua visita, muito comemorada pela população, autoridades e o clero da cidade, foi vontade do povo santamarense, que perfazendo tal desejo para tão honroso momento, seu munícipes a fizeram receber a V. M. Imperial e à Augusta Família Imperial com agradável acatamento, com homenagem e amor, felicidade e honrarias, para com esta, com festejos e felicitações. Após ter beijado o 'Santo Lenho' e ter recebido as chaves da cidade, saiu debaixo de um pálio conduzido por demais Compobetes da Câmara em direção à Igreja Matriz de Nossa senhora da Purificação e dali para o Paço Municipal, daí saiu a cavalo visitando templos, escolas, a Santa Casa de Misericórdia, e outros. Esteve também no Engenho Subaé e no Engenho São Lourenço de propriedade do Conselheiro Francisco Gonçalves Martins, onde havia um maquinismo no preparo do açúcar com peças importadas dos Estados Unidos da América do Norte, tendo dialogado em alemão com um técnico ali residente.

Retornando à cidade de Salvador, dois dias depois, deixou doações em réis para o Recolhimento de Nossa Senhora dos Humildes, para a santa Casa de Misericórdia, para os pobres, para o Revm^o. Vigário e para a Irmandade de Santo Amaro.

Dom Pedro II, em sua visita, provavelmente deve ter tido feito muitos registros fotográficos, mas se tem pouca ou nenhuma notícia disso, e ao que se sabe, perderam-se muitas cópias de seu acervo quando da instauração da República, em 1889, quando foi deposto e banido do país, posto que, a biblioteca, como outros bens aqui deixados, foi confiscada pelo governo republicano. Muito material foi perdido e ou esquecido. Após tensas negociações, o monarca, antes que todo seu acervo fosse desfeito ou perdido, decidiu doar o acervo constituído por livros, publicações, periódicos, mapas, partituras, desenhos, estampas, fotografias e outros documentos, à Biblioteca Nacional, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e ao Museu Nacional.

A única exigência de D. Pedro II foi que as partes doadas às duas primeiras instituições mantivessem as suas respectivas unidades sob o nome da Imperatriz, "Coleção D. Thereza Christina Maria" e que a terceira parte, doada ao Museu Nacional, recebesse o nome de sua mãe, "Coleção Imperatriz D. Leopoldina". Coube à Biblioteca Nacional a maior parte desse acervo particular de D. Pedro II, inclusive quase trinta mil fotografias, constituindo-se assim na maior doação de toda a sua história. Estava incluída nele a parte mais considerável de suas fotografias.

Para feitiço deste breve livro, a pesquisa historiográfica e seus registros iconográficos revelaram o aprofundamento de estudos e achados, onde saliento a acusação de fotógrafos desconhecidos que perscrutam o período de cem anos, que vão de 1860 a 1960, num acervo reunido por peças e papéis, fotocópias, mídias digitais, atas e, sobretudo da história oral, com relatos de moradores e pessoas mais idosas que comumente relatam um período 'doce', no mais tenro sentido da palavra, açucarado, como o laudar dos sobreviventes dos longos tempos áureos do homem da sociedade dos engenhos, suas freguesias, suas despensas, compreendendo um período importantíssimo para a formação da civilização no Brasil a partir de sua Leal e Benemérita cidade provinciana mais em progresso.

“O estudo das imagens, no seu método iconológico, impõe o estudo da historicidade desta imagem”.

Erwin Panofsky, O significado nas artes visuais, 3ª ed., São Paulo, Perspectiva, 1991.

Santo Amaro da Purificação
Séculos XIX-XX

“É preciso inculcar na alma do povo, a poesia de seus antecedentes, antes que ella possa ter a sciencia dos feitos de sua gente; é preciso despertar na alma da nação o instinto do passado, antes que a difusão do alfabeto e da escola consiga dictar-lhe a consciencia da sua história”.

Wanderley Pinho

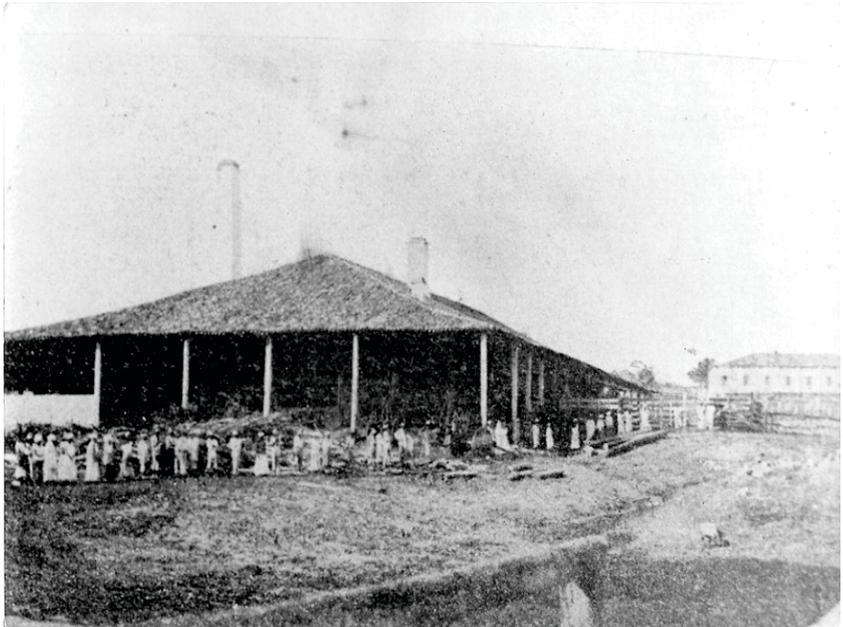
Engenho São Pedro

Em 1757, a Vila da Purificação já incluía três diferentes zonas de engenho: Patativa com nove engenhos e, do lado oposto do rio Subaé havia mais cinco engenhos e, à medida que a indústria açucareira adentrou continente, também se verificou a presença de engenhos na paróquia de São Pedro de Traripe e Rio Fundo.

Nesta fotografia datada de 1860, apresenta a grande zona de fabrico do Engenho de São Pedro, situada na antiga freguesia de São Pedro de Traripe do Rio Fundo (atual Terra Nova), sendo erecta no anno de 1718 desmembrada das freguesias de Nossa Senhora do Monte e da de Nossa Senhora da Purificação da villa de Santo Amaro. Em 1868 era de propriedade da Condessa de Barral e Pedra Branca, Maria Luiza Portugal de Barros, que residia em Paris, e fez lavrar um termo libertando o ventre das escravas, e ainda em 1880 declarava livres todos os escravos deste e do Engenho São João.

Esta foto, embora não pertencesse mais à área da cidade de Santo amaro no momento de seu registro, se redime pela raridade de ser uma fotografia do engenho em forte e pleno funcionamento, mostrando seus trabalhadores em locais de vivência e da cultura e sociedade dos engenhos em plena expansão.

Sobre a freguesia de São Pedro de Traripe e Rio Fundo, existe de seu primeiro Vigário padre Manoel Lôbo de Souza a seguinte noticia datada de maio de 1757: "Possuía esta freguesia 471 fogos, com 4252 almas, da quaes a mayor parte escravos de confissão e comunhão: sete Capelas anexas, rios, 36 sítios (onde que por humildes, lavradores se plantavam tabacos, mandiocas e que se por épocas se mudão os seus moradores pelo se cansarem ou pelas grandes quantidades de formigas), possuía quinze engenhos, sendo a Senzala do Engenho São Pedro o maior desta região e de sua população a que se compõe esta freguesia, pelo factio de além de trabalharem na officina de assucar grande quantidade de escravos e officiais forros e de serem seus senhores ordinariamente pessoas distinctas e fazem um só Corpo com o mesmo Engenho".



Engenho Subaé

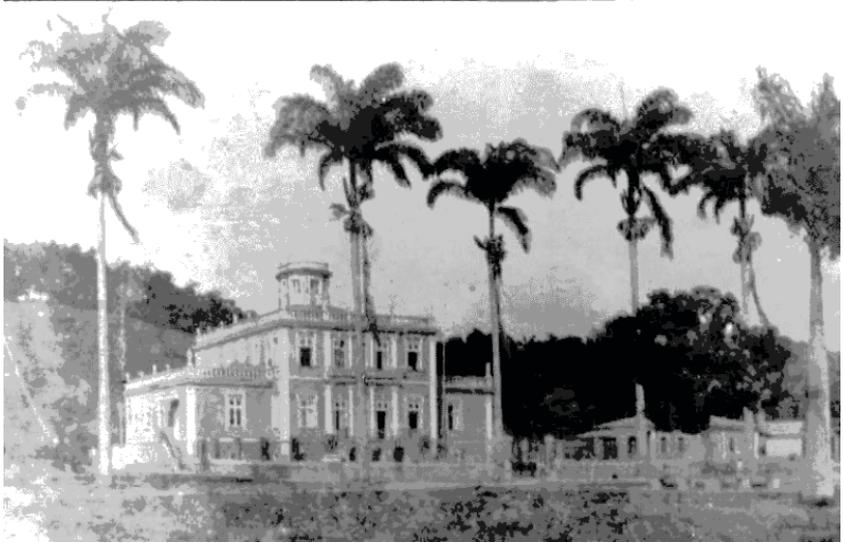
Fotografia de época do engenho Subaé de data e autor desconhecido. Sua data de construção é tida por historiadores por volta de 1757, pois antes de 1785 seu dono era Antônio Moreira Freire quando passou-se ao Capitão-mor Domingos Martins Pereira. Aos 23 de setembro de 1808 o padre Tomás Freire, Basílio de Freitas Correa e sua mulher Ana Faustina do Rosário venderam o Engenho Subaé ao comendador Pedro Rodrigues Bandeira por 69.151\$000 réis com “casa de engenho movido a água e cavalos, escravos, bois e mais acessórios, capela, de pedra e cal com todos os pertences, três caldeiras, quatro tachas, três bacias, um alguidar, um alambique e duas canoas grandes” sendo então enumerados 50 escravos e escravas que moravam em “quinze senzalas, entre eles “Francisco crioulo” caldeireiro e oficial do açúcar, geralmente chamado nos engenhos de “mestres do açúcar”, a pessoa mais importante num engenho. Destes 50 escravos existentes apenas um era de Angola do grupo Bantu, sendo os outros sudaneses das tribos Gêge, Nagó e Minas, vários crioulos nascidos na Bahia e criados aqui. Os numerosos bois carregavam a cana.



Vista do Engenho Subaé

Em 1858 o Engenho Subaé foi declarado no livro Eclesiástico de terras da Freguesia de Santo Amaro, como sendo de propriedade de Anna Francisca Vianna Bandeira.

Em 1844. D. Ana Francisca Viana Bandeira, Viúva do Comendador Pedro Ferreira Bandeira comprou a D. Joana Pereira do Amor Divino, viúva de Joaquim José da Silveira Mendes “uma fazenda de plantar cana na Boa Vista com 85 tarefas de massapê por 5.950\$000 réis” aumentando a área de terras do Engenho Subaé, chegando a medir 5.000 tarefas. Depois da morte de D. Ana, o antigo sobrado é herdado por seus filhos transformando-se num falso castelo alemão, conforme comentários da época. Atualmente pertence a um dos descendentes da família Vianna Bandeira.



Vista do Rio Subaé com embarcações

Importante Rio da Região, com pequena parte ainda navegável, foi crucial na formação e implementação da Paróquia, freguesia, Villa e da cidade de Santo Amaro da Purificação. Nasce na lagoa do Subaé, em Feira de Santana. Passa pelo Arraial do Limoeiro, do mesmo município, banhando terras do distrito de Oliveira de Campinhos, município de Santo Amaro, tendo passado antes por terras de São Gonçalo dos Campos. Nesse distrito, recebe o riacho Itaquari, e penetra do distrito de Santo Amaro e terras do antigo engenho Subaé, onde recebe o rio Sergi ou Sergiassú, banhando as terras dos antigos Sant'Ana, Jericó e Mussurunga. Já dentro do perímetro urbano de Santo Amaro recebe, pela direita, o rio Sergimirim. Atravessando, de ponta a ponta a cidade, vai unir-se ao rio Traripe, no lugar denominado Cambuta, e no denominado Conde recebe o rio Pitinga. Daí em diante toa o nome de Sergipe do Conde, indo lançar-se na baía de Todos os Santos, após banhar os antigos engenhos do Conde e de São Bento das Lages, bem como a cidade de São Francisco do Conde, entre esta mesma cidade e a ilha de Cajaíba.



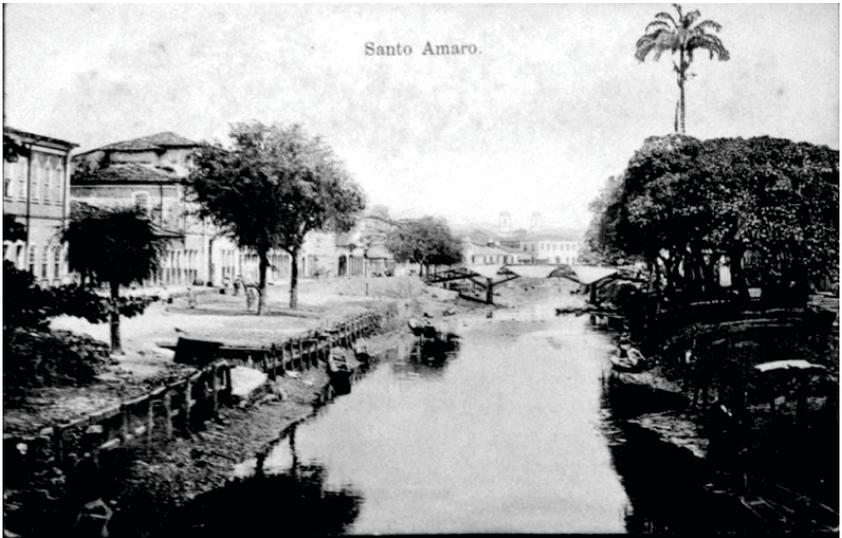
Porto do Charéu

Fotografia do local denominado compreendido entre a Rua da Aurora e do Ponto do Charéu, à margem direita que por ser vendido ali, em priscas eras, o pescado, que tem essa denominação.

Diariamente, quando se aproximava as enchentes das marés, havíamos de ver chegar dezenas de canôas carregadas de peixes, mariscos, melancias, cajú, abacaxis, mangas, laranjas, e outros produtos vindos dos mais variados lugares como, Acupe, Saubara, Itapema, das Ilhas Grandes e Ilha Pequena, e da Vila de São Francisco do Conde, havendo uma espécie de cais encimado por uma muralha com um pouco mais de um metro de altura, tendo como descida duas rampas, entre velhas amendoeiras, onde mercadores e interessados esperavam essas embarcações.

Na foto também é possível avistar a ponte de madeira em forma curvada sobre o rio e região do comércio.

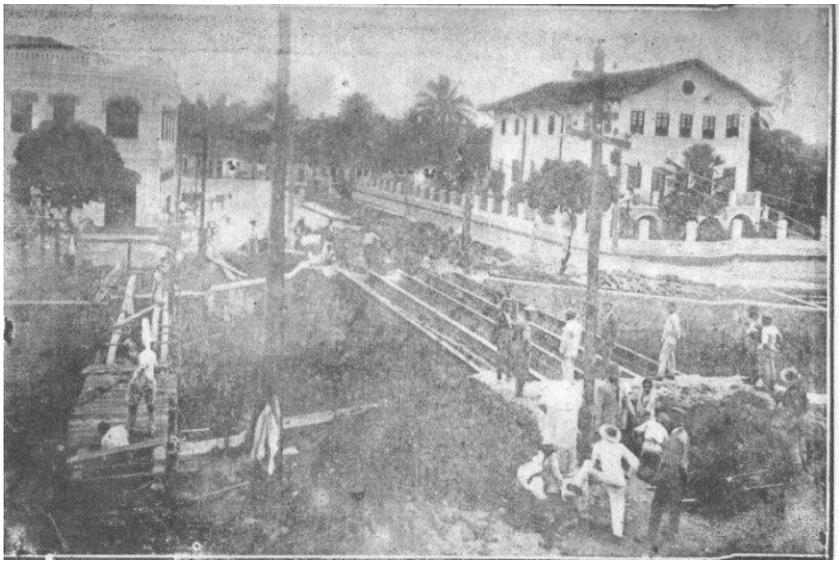
Santo Amaro.



Construção da ponte do Calolé ou 14 de Junho

Foto raríssima do momento da construção da ponte do Calolé em 1911. Feitas com longarinas de aço importado, a ponte, em 1926, foi reformada e ampliada tendo sido construído as Balaustradas, tendo como Engenheiro Gastão Pedreira da Silva, as longarinas foram limpas e adquiridas outras do mesmo material. O lastro foi construído para suportar uma carga de 160.000 quilos. Em 03 de fevereiro de 1927 foi oficialmente inaugurada pelo Intendente Dr. João Ferreira de Araújo Pinho.

Com a construção da ponte ficou mais fácil o transporte de cargas e mudanças em direção a Alagoinhas na chamada 'Estrada do Sininbú', sendo sua construção iniciada em 20/10/1858 pelo valor de 245:000\$000 réis.



Cais de Araújo Pinho

Até recentemente, com o advento de novas tecnologias para a fotografia, era comum um tipo de ampliação e registro em tamanhos maiores, principalmente de paisagens, com a presença de cores, pintados à mão ou não, e o cartão postal foi exemplo disto por muito tempo.

Na Fotografia abaixo temos o registro do local de onde teria desembarcado Dom Pedro II e sua comitiva, e que conserva a amplitude de um cais aberto e navegável até certo ponto, o Cais de Araújo Pinho, como ficou conhecido posteriormente.

Tendo o Solar do Visconde de Aramaré ao fundo, já em processo de decomposição, e de algumas embarcações de diferentes tamanhos ao longo do leito, esta fotografia foi captada provavelmente dentro de um barco em 1904, e posteriormente retocada com adição de tinta a pincéis finos e serviam de quadros depois de emolduradas.

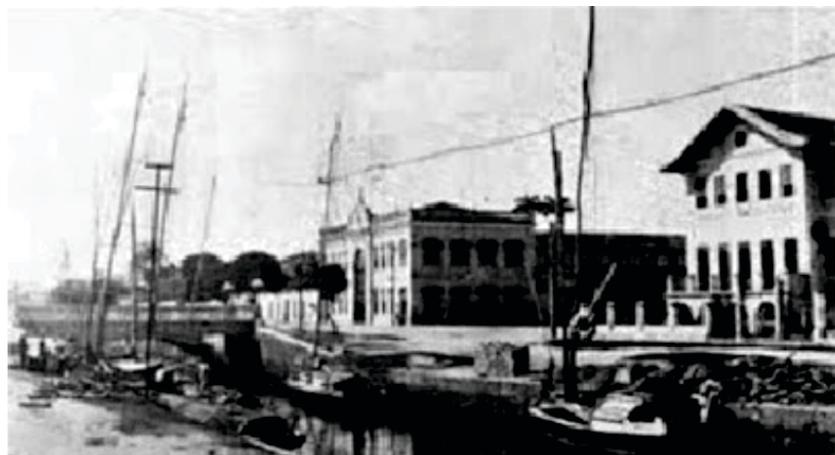


J. Moffet, Editor.

Santo Amaro, Bahia (Brazil)

Saveiros sobre o Rio Subaé

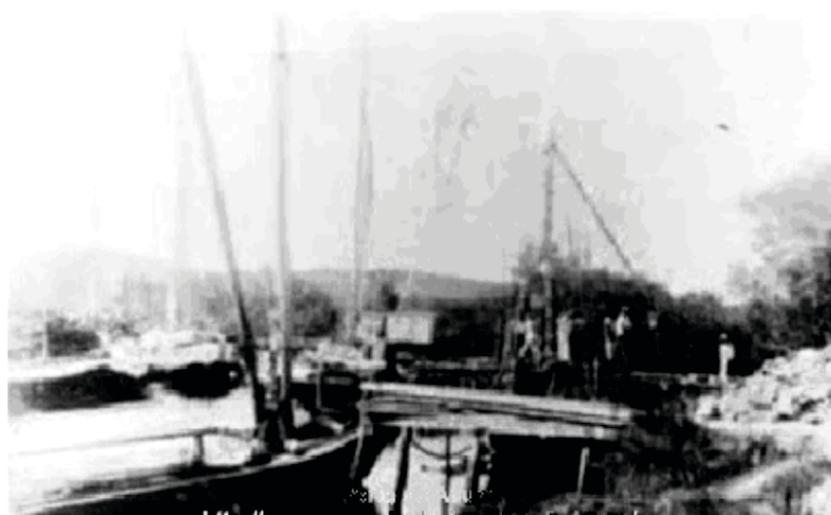
O Recôncavo possuía, em 1575, oito casas de cozer mel, 36 engenhos em funcionamento e quatro em construção, além de várias fazendas de cana-de-açúcar. Alguns desses estabelecimentos chegavam a se situar de meia a uma légua de distância da beira-mar, observando-se sempre a presença de rio, esteiro ou ribeira. Durante quase três séculos, as embarcações constituíram o único meio de transporte. Um levantamento de 1775 dá conta da existência de 4.000 marinheiros e pelo menos 2.148 embarcações de vários tipos. Os grandes navios podiam ancorar não só em Salvador, mas também na baía de Aratu e no lagamar do Iguapé. Para a interiorização dos engenhos e seu afastamento dos cursos de água navegáveis, seria inevitável a melhoria do sistema de transportes terrestres, o que ocorreu a partir do início do século XIX. Para a empresa açucareira, era fundamental que as caixas de açúcar chegassem o mais rapidamente possível a um pequeno porto de embarque para Salvador. Eram poucos os caminhos existentes nos primeiros três séculos da colonização. E os saveiros foram cruciais neste processo de interiorização, exportação e navegação.



Porto de Acupe

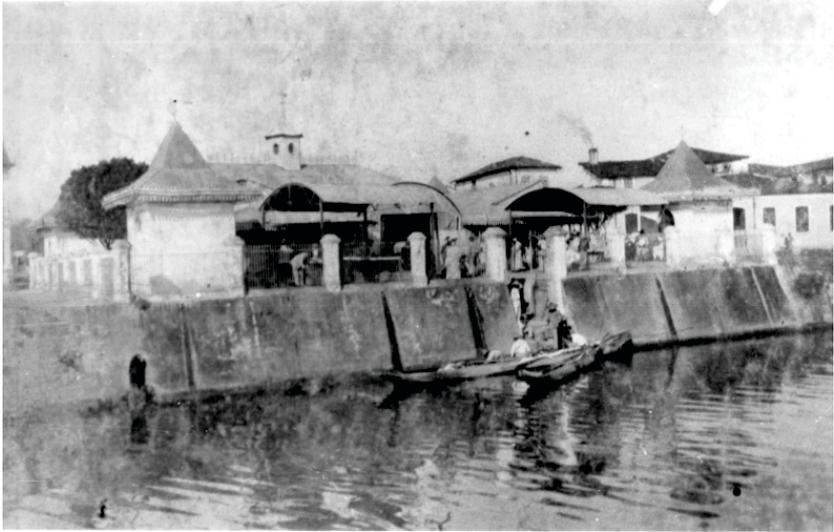
Fotografia encontrada em ruim estado de conservação, mas que se conserva como documentação de fonte histórica por sua natureza verídica na ampliação da cultura açucareira pelo recôncavo ao longo da baía de Todos os Santos e do pequeno porto na região de Acupe, com algumas embarcações e cais em madeira, onde saíam pescados, mariscos e outros produtos diversos.

A modernização dos transportes na Bahia a partir de então, ensaiou seus primeiros passos em 1819, com a introdução da navegação a vapor na Baía de Todos os Santos. O vapor deflagraria a renovação na frota de barcos e sua hierarquização, viabilizando o transporte rápido de mercadorias e a diminuição dos custos de mão de obra. As embarcações a vela, no entanto, permaneceram como o principal meio de transporte marítimo por quase todo o século. A verdadeira revolução dos transportes na Bahia se iniciaria na segunda metade do século XIX, com a implantação das ferrovias, alcançando seu ponto máximo no início do século XX. A partir de então, a importância do transporte ferroviário começaria a declinar, em decorrência da chegada do automóvel e do caminhão e da construção de estradas de rodagem.



Cais do Mercado Municipal

A possibilidade fluvial do rio Subáe possibilitou a construção e avanço da vila e da cidade de Santo Amaro, que em grandes proporções às de hoje, tornou o crescimento da população em fatos de desenvolvimento notável, grande e florescente, tanto em comércio, lavouras, e pela abundância em carnes, pescados, farinhas e outras culturas que eram levados até a região da Igreja dos Humildes e do Mercado municipal, onde havia um pequeno atracadouro para seus produtos, como avista esta fotografia do cais existente no mercado municipal na parte lateral ao rio. Sobre esta construção do mercado, que durou apenas 45 anos erguida, com seu desenho e arquitetura arabesca, mostra a foto o encontro de comerciantes e do povo que iam às compras buscar seu alimento diário de sobrevivência.



Mercado Municipal

Antiga feição do Mercado Municipal de Santo Amaro. Construído pelo Intendente Dr.Ferreira de Viana Bandeira em 1893. Foi completamente demolido para a construção de outro em 1938. Demonstra o poderio dos senhores de engenho e suas muitas disputas políticas, quando que por tendo na agricultura em grande parte baseada na cana-de-açúcar seu empreendimento mais comum, havendo ainda as culturas da mandioca, banana, arroz, frutas, cacau, maracujá, cachaças e dendê, um dos principais produtos comercializados no Mercado.



Praça da Purificação com Jardim dos Namorados

Fotografia de época da praça da purificação, como um local de encontros, antes e depois das missas e novenas, principalmente de cavalheiros e damas, senhoras bem vestidas, barões, baronesas, condes, herdeiros de títulos nobliárquicos, viscondes, conselheiros, comendadores, políticos, artistas, talhadores, pintores, escultores, gente comum e demais autoridades onde se debatiam assuntos de interesse comum e principalmente dos namoricos e trocas de intenções entre casais que se permitiam, não a toa, tendo à frente da igreja um local conhecido com o nome de 'Jardim dos namorados'



Igreja de Nossa Senhora da Purificação

Igreja com iluminação externa a lâmpadas e com o Jardim dos Namorados à frente. Reflete a galhardia e elegância do povo santo-amarense, onde era de costume as conversas de homens cultos com seus trajes finos e senhoras recatadas.

Teve este templo católico inauguração datada de 18 de outubro de 1700, dia dos festejos ao Evangelista São Lucas e dedicado à “Santíssima Mãe Santíssima de Deos”. Seu material de construção é de maior parte de origem portuguesa, como azulejos, pedras de cantaria, mármore e outros. Possui em seu interior, majestosa pintura do forro em legítimo estilo barroco concebido pelo artista pintor baiano José Joaquim da Rocha.



Festejos na Praça da Purificação

A praça da purificação por sua beleza e por ser larga e plana sempre será local de celebrações, festejos e encontros. Quando da vinda de autoridades, a praça logo se enfeitava para receber seus visitantes. A praça desses quase 400 anos, passou por várias remodelações e reformas, tendo piscinas, coretos, pisos de lajota, cimento, bancos e jardinagem toda modificada da original. Nesta fotografia, já com outro visual, permanecem a alegria do povo em encontros de cidadania e cultura, de vibrações pelos cultos e mestiçagem, de pregações e discursos, de entusiastas da ciência, arte, cultura e de livres devaneios.



Festejos de Nossa Senhora da Purificação

Conquanto as festividades dedicadas a Nossa Senhora da Purificação, a história nos conta que estes se deram ainda na antiga Freguesia do Engenho Sergipe do Conde (1608), onde havia uma antiga igreja construída pelos Jesuítas dedicada à imagem “duma Devotíssima Mãe de Deos pelos primeiros padres que foram à reeducação e conversão dos gentios, com o título de Purificação”, tendo um edital sido publicado em 1592, convocando fiés para sua confissão, sendo que com o passar dos anos e com a mudança da matriz para atual Igreja da Purificação (1700), com a participação da comunidade (senhores de engenho, libertos, visitantes) numa comunhão de fé e celebração de boas colheitas ainda nos tempos áureos da sociedade dos engenhos.



Coreto e Igreja da Purificação

A Praça da Purificação com seu casario colonial, é um exemplo único desse tipo de construção no Novo Mundo, conquanto nunca recebeu a dignidade a que se espera esse tipo de Patrimônio Cultural da Humanidade, tanto é, as constantes mudanças em vistas de reforma onde não se conserva suas características primordiais em vias da modernidade e falta de informação a esse período histórico, por sermos formados por livros de cultura estrangeira que impossibilitam nosso resguardo para o bem comum. A Praça da Purificação vista com o antigo coreto é exemplo disto, e faz parte de um período em que eram comuns os discursos de coreto por parlamentares, políticos e outras autoridades, e eram comuns em praças e jardins de villas coloniais até segunda metade do século XX, com desenhos e arquitetura pomposa, de arcadas, escadas e cobertura em diversos tipos de materiais.



Vista da Praça com Paço Municipal

Criada a vila de Santo Amaro em 1727, ficaram os moradores obrigados a construir, às suas expensas, a Casa de Câmara e Cadeia e demais prédios necessários ao funcionamento da administração e da justiça. Para tanto, foi doada 'huma legoa em quadra', cujo centro era o local a construir-se o Edifício do Paço Municipal.

Sem renda para tal empreendimento, enviam uma carta ao Rei solicitando as terças das rendas da Corôa por um período de dez anos, salientando a utilidade pública e bem comum recorrente a esta villa, o que foi prontamente aprovada na Resolução da Régia em 22 de março de 1729, sendo sua construção iniciada em 1726/1731 junto às demais quantias da população ate sua inauguração em 1769. Sua fachada foi inspirada na da capital baiana pelo Engenheiro militar em exercício João Teixeira de Araújo. Tem à frente pequena torre quadrilátera terminada por uma cúpula, cuja data de construção consta de 1760 em gravação na parte do fundo. Neste local, no térreo, funcionou a cadeia pública até o ano de 1928 para presos correccionais e encarceramento de mulheres criminosas, além de alojamento dos praças do destacamento policial, e nos fundos até 1905 o Mercado Municipal conhecido com “Os Arcos” e a Tipografia do Jornal do Município. Na parte lateral funcionou a Biblioteca Municipal.



Paço Municipal

Apesar de não muito antiga, esta fotografia conserva os traços da pintura externa do Paço Municipal. No seu interior, no primeiro andar, está a o salão do conselho, custoso e severamente mobiliado à época de inauguração, ornamentado com retratos a óleo em corpo inteiro dos dois Imperadores, trabalhados por artistas de mérito, ao fundo uma formosa tela, representando a Conceição Murilo, devido ao pincel do santo-amarense Sr. Couto. Em um canto deste salão, se guarda como relíquia histórica, a gloriosa bandeira do 46º Batalhão de Voluntários que o Barão de Sergi, tenente-coronel Francisco Lourenço de Araújo Pinho levou e voltou triunfante como da Guerra do Paraguai, cravejada de balas. Neste Paço é visto ainda um retrato a óleo de Ruy Barbosa.



Jardim detrás do Paço Municipal

Acompanhado as tradições dos homens cultos, muitos estudantes santo-amarenses iam estudar curso superior na Europa, por ser filhos de proprietário abastados, cuja inteligência privilegiada e de forte presença política, cultural, de crônica, jornalismo, na oratória sacra e poesia, tendo por alguns a ocupar cargos importantes no Reino de Portugal bem como na França, como é possível notar na fotografia abaixo no paisagismo do jardim construído na parte de trás do Paço Municipal com vista para a Rua do Amparo e com forte influência da 'Belle Époque' francesa.



Igreja de Nossa Senhora dos Humildes

Igreja edificada em 1817, pelo Padre Inácio e Araújo quando ainda menino (santo-amarense nascido em 1769) a partir da Capella construída em 1805, e em anexo a outras habitações menores a que serviam de moradia a senhoras reconhecidas de honestidade para que se quisessem prestar serviço na capela completam o casario histórico.

O Propósito do Recolhimento, fundado em 1813, por licença concedida pelo Rei D. João VI, já contava em sua inauguração em 08 de dezembro de 1817, com a entrada de 12 recolhidas, 6 meninas, 9 servas e 2 escravas, logo alforriadas e incorporadas à classe de servas.

No entanto, em documento de 1893, é possível notar fato curioso da presença de pensionistas, inclusive, de outros estados do Brasil, e que viviam de pequenos trabalhos manuais de agulha de bordado de diferentes materiais, flores, quadros, etc. com os preceitos de higiene e sustento do corpo e da alma e que para serem admitidas teriam que arrendar uma anuidade de duzentos mil réis, em quatro prestações trimestrais de cinquenta mil réis, e serem: batizadas, ter entre 06 e 16 anos, não ter moléstia contagiosa e ser vacinada. As que permaneciam após esta idade e podiam pagar pela anuidade eram aperfeiçoadas em prendas domésticas, bordado a ouro, música de canto, piano e magistério, passando do seminário local para trabalhos superiores, trajavam hábito azul ferrete, véu azul claro e touca branca.

Neste prédio histórico tombado patrimônio nacional, por sua beleza e imponente arquitetura atualmente no local funciona o Museu dos Humildes, com raro acervo de peças sacras, azulejos, cristais, pratarias, mobiliário, porcelanas, paramentos, rendas e alfaias (objetos litúrgicos) em sua maioria vindos de Lisboa. São cerca de 500 peças, datadas do século XIX e tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), entre elas, as imagens de Nossa Senhora dos Anjos, São Miguel Arcanjo e Santa Rita do escultor Domingos Pereira Baião, discípulo de Bento Sabino dos Reis, autor do emblema da celebração política da cidade.



Igreja Matriz de Nossa Senhora da Oliveira dos Campinhos

Importantíssimo Templo de Valor Histórico e cultural erguido na antiga freguesia de Oliveira dos Campinhos criada em 1718.

Construída a partir de 1768, não se tem exata sua inauguração, sendo que em 1772 já se encontrava sepultado em seu interior seu construtor, Romão Gramacho Falção, cuja lápide rezava “Aqui jaz Romão pecador escravo de N. S. da Oliveira –1772”, ao qual se tem uma lenda acreditada a ele e ao Diabo, para a construção do templo, tendo ter entortado uma das suas torres com um raio no dia de sua inauguração.

Atualmente encontra-se tombada pelo IPAC e muito degradada. Possui em seu interior azulejaria portuguesa, vinte quadros parede a fora e pintura em perspectiva do teto do pintor santo-amarense José Vincente de Senna, e uma escultura laboriosa de uma escada em madeira, feito de um único trono com peças encaixadas sem pregos, peças em jacarandá e alfaías de ouro e prata.



Igreja Nossa Senhora do Amparo

Foto de autoria desconhecida mostra a Igreja Nossa Senhora do Amparo e o prédio onde hoje funciona a Loja maçônica Deus, Pátria e Família (fundada em 1932, sendo seu primeiro Presidente Venerável o Sr. Aristóteles Alves Pinto), e começo da Avenida Vianna Bandeira, atrás do Paço Municipal. Igreja de porte secular, de espaçosa engenharia, localizada à Rua do Amparo, pertencida à Irmandade de Santana, onde atrai atenção a bela imagem esculpida em madeira e toda dourada da Virgem do Amparo, de Domingos Pereira Baião de seis palmos de altura, uma de Nossa Senhora dos Homens, de dois e meio palmos, uma de Nossa Senhora da Boa Morte de quatro palmos, e uma de Nossa Senhora do Parto de três palmos, sendo a pintura do teto ao pincel do santo-amarense Eduardo Piro de Lemos. Os outros quadros são do artista patricio José de Abreu Barreto.

Monumento tombado pelo IPHAN, tem sua data de construção desconhecida, muito embora, historiadores a tenham existente desde 1818.



Avenida Vianna Bandeira

A respeito do urbanismo na então formada cidade de Santo Amaro, conforme notar pelo exemplo da Rua Vianna Bandeira, em que é demonstrada pela larga abertura das ruas e arborismo nesta, predominantemente residencial. A fotografia exibida, embora não conserve sua qualidade devido a rasuras do tempo, é um exemplo raro das circunstâncias em que tange o habitante de uma cidade pós-colonial e de natureza em formação política e administrativa, com seus poucos recursos e novos fatores econômicos. Foto do álbum de Vivaldo Costa.



Igreja Nossa Senhora do Rosário com Bonde

Construção sólida e elegante com ornamentação interior e custosa pintura providenciada sem medir esforços em sua confecção pelos párocos: o cônego Francisco de Assis Pires e o santo-amarense Joaquim Ayres de Almeida Freitas.

Sua primeira construção foi erguida em 1784 e levantadas as torres quando pelo Vigário cônego Maciel em 1893.



Praça do Rosário com coreto

Nesta Igreja há uma bela imagem de Cristo, obra de Manoel Inácio Costa, a pintura do forro deve-se a José Vicente de Sena, a planta do altar-mor a Manoel José de Oliveira, os altares do Coração de Jesus foram doados pelo casal Dr. Francisco Bandeira, a obra foi do escultor Custódio Castro Nascimento, assim como o altar de Coração de Maria. A igreja foi restaurada pelo vigário Fenelon Costa, mantendo um estilo bizantino e sofreu nova mudança do altar posteriormente mudando-se sua cor da fachada para azul e branco atualmente. Fotografia com data e autor desconhecido.



Praça e Igreja Nossa Senhora do Rosário com carro

Acompanhado o desenvolvimento industrial, a praça do rosário é vista já em calçamento completo por paralelepípedos, iluminação subterrânea por fios e postes, sem o chafariz e já sem coreto, com a presença de carros, um Ford Rural passeia por seu lado direito em direção ao centro. Fotografia de data e autoria desconhecida.



Construção de encosta no cais de Araújo Pinho

No começo do século XX, começam as obras de contenção de encostas ao longo do rio Subáe, em vistas de controlar seu fluxo, e evitar o empoderamento do rio acima do seu leito normal, prejudicando as embarcações que procuram onde aportar e construções ao longo do rio em épocas de cheias.

Na fotografia abaixo exibe a elevação do cais de Araújo Pinho construído sendo Intendente o Dr. J. F. de Araújo Pinho Junior, com pedras, cujas obras se arrastaram de 1910-1911 até a ponte 14 de Junho. Foram construídas mais contendas ao longo do rio até a altura da Igreja dos humildes pelo Intendente do Município o Exmo. Sr. Visconde da Oliveira em 1915.



Edifício da Santa Casa de Misericórdia

Sobrado situado na Praça da Purificação teve o início das obras em 1778 sob invocação de Nossa Senhora da Natividade, mesmo ano de criada sua ordem pelo Desembargador Ciríaco Antônio de Moura Carvalho, sendo seu primeiro provedor, sendo ampliado durante os anos de 1838 a 1840 e oficialmente inaugurado em 1854.

Fotografia de autor desconhecido, provavelmente, da segunda metade do século XX.



Casario na Avenida Presidente Getúlio Vargas

Um outro exemplo das fotografias para cartões-postais é esse registro da região do comércio, onde fica patente a valorização do casario e um certo ar de nobreza como queriam preservar seus Barões da época, publicistas, negociantes e comerciantes em geral entusiasmados com esse recurso, providenciavam seus 'santinhos', de onde pintores podiam retocar a imagem ou fazer a partir do cartão - postal novas imagens.

Assim, é preciso lembrar da criação das Agências do Correio, para onde eram postados, cartas, malas, malotes, encomendas pequenas e cartões-postais da cidade, e vice-versa, para familiares distantes, tendo a de Santo Amaro, criada em 1833, sendo seu primeiro Administrador Francisco Peixoto, de onde o serviço de malas postais era feito por barcos e saveiros, e depois por navios e trens.

Na fotografia abaixo, datada de 1949, exhibe a Rua do comércio, já consolidado ponto de grande movimentação cultural, com lojas de fazendas, armazéns de molhados, armarinhos, casas de ferragens, etc.



Vista da Praça 14 de Junho

Fotografia panorâmica de autor e data desconhecida da Ponte e Praça 14 de Junho, com prédio do futuro Ginásio Santamarense à direita e avenida aberta a um grande largo, onde é possível ver as os trilhos da linha que levavam o bonde até a outra margem da cidade, passando em frente da hoje Estação Ferroviária, a qual teve o seu primeiro trecho inaugurado em 02 de dezembro de 1880 num percurso que ia até Traripe, sendo preciso notar a sua rápida expansão, num outro trecho até Jacuípe em 1881 e de Jacuípe até Terra Nova do mesmo ano. Após vários contratemplos por alusão aos seus proprietários, passa-se ao governo Federal sua direção sendo incluída nas linhas da Rede Ferroviária Federal S/A - Leste Brasileiro, com ampliação do trecho até o distrito de Bom Jardim, atual Teodoro Sampaio em 1912.

A Praça 14 de Junho foi inaugurada em 1922, pela Intendência do Dr. A. Bandeira tem como apelo visual, o casario pós-colonial, as construções históricas e sua ampla gama de volutas, arcos e desenhos e, o apreço pela paisagem barroca com inserções do neoclassicismo que ecoam pela imagem num período marcado por melhorias de uma cidade em pleno desenvolvimento.



Ginásio Santamarense

A educação santamarense sempre foi de alto nível por se considerar o índice cultural de seus filhos e preponderantemente incito de aprendizado

Com seus primeiros professores de Letras e Latim, não só na sede municipal como nas freguesias, à época da vila de Nossa Senhora da Purificação e Santo Amaro já existiam cursos de Gramática Latina e Primeiras Letras que tinham seus mestres um ordenado 240\$000 e 100\$000 réis anuais respectivamente. Sendo em 19 de dezembro de 1832 nomeada a primeira professora Pública do Município, pelo Conselho Geral da Província para a “cadeira de primeiras Letras de meninas”, com uma ajuda de custo de 60\$000 réis.

O Ginásio Santamarense e sua Escola Normal, fundado pelo professor Arlindo Costa, como aparece nesta fotografia rara, exhibe a elegância da arquitetura construtiva, uma escada em espiral de bela e atenciosa armação em ferro conduzia ate o andar superior dando pra uma bela vista para a Praça 14 de Junho e do rio Subaé. Havia ainda pequeno sótão e porão. Depois de ser a educação transferida para o Estado, passou-se o 2º Grau para o Centro Educacional Teodoro Sampaio em 1954.



Vista da Cidade

Fotografias panorâmicas começam a ficar mais costumeiras com o avanço das máquinas fotográficas em que o tempo de exposição é bem menor, cerca de segundos, em relação às suas antecessoras 'câmeras escuras'. A seguir, um exemplo de captura, de autoria e ano desconhecido, em que mostra a cidade de um ângulo diferente do habitual, ampliado o foco e abrindo a lente, com seus ícones repletos de casario histórico, ruas, acompanhada de campos e vales, onde aparece a Igreja e o Paço Municipal ao centro. Foto do álbum de Vivaldo Costa.



Vista do alto da cidade

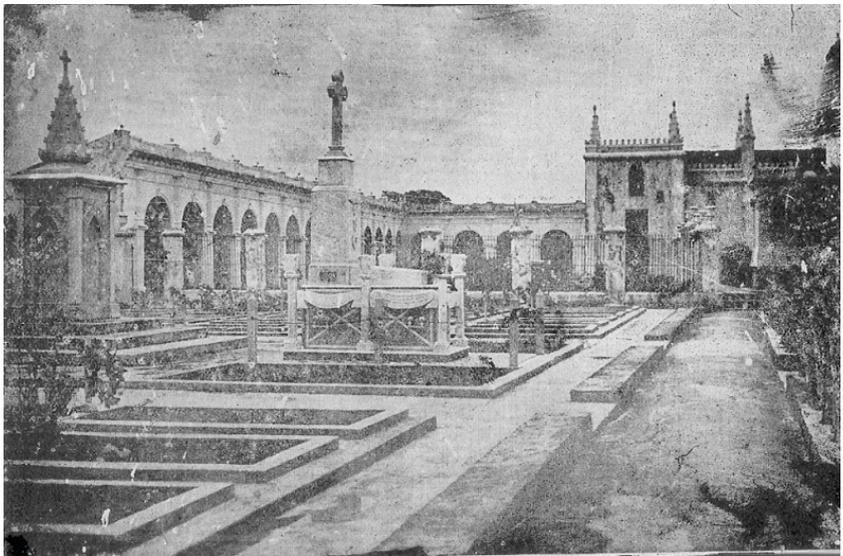
Outra fotografia panorâmica, mostra o cemitério no alto ao fundo e a cidade à frente. No intento de um típico recurso de foto de paisagem, em mostrar parte da cidade em sua amplidão com suas ruas, vielas, construções, alambiques, margem de rio e paisagem diversa. Fotografia do álbum de Vivaldo Costa.



Vista Interna do cemitério Campo de Caridade

Denominado de 'Campo de Caridade', situado no alto de uma colina, à direita da cidade, de propriedade da Irmandade Santa Casa de Misericórdia, prima por construções de jazidos em diversos estilos e épocas. Possui numerosos carneiros, catacumbas, ossuários, pequena capela e mausoléus de altos preços do início de sua inauguração, sendo enterrados várias pessoas ilustres por falta de espaço nos templos e igrejas a quem tinha nome, respeito e devoção.

Foi o segundo erguido, o primeiro ficava no bairro do Sacramento conhecido pelo nome de “Bexiguento”, por ocasião de ter sido enterrada cerca de 5.000 pessoas à época das epidemias de varíola e cólera na cidade em 1855.



Companhia Aquária Sant'amarense

Fundada em 1872, foi responsável pelo fornecimento de água potável na cidade, onde anteriormente, aos primórdios da então Vila de Nossa Senhora da Purificação, era utilizado pela população a água turva e lamosa do Rio Subaé e de seu afluente, o Rio Sergimirim. Criado pela urgência de prestar bons serviços e proteger a população dos perigos da água contaminada, foi de incubência dos Srs. Antônio de Freitas Paranhos (posterior Barão de Palma) e, depois por seu filho, Antônio de Freitas Paranhos Junior e o Sr. Joaquim Baptista Imburana e outros amigos a formar uma empresa destinada ao fornecimento de água potável por meio de chafarizes, penas ou anéis, o que foi efetivado em 1856, sendo o presidente da província da Bahia o Dr. Álvaro Tibério de Moncôrvo e Lima e posteriormente pelo Sr. João Lins Vieira Cansação de Sinimbú.



COMPANHIA AQUARIA SANT AMARENSE

CAPITAL QUARENTA CONTOS DE REIS

ESTADO DA BAHIA

Nº 763

R\$ 50.000

Eu, o Sr. Francisco de Assis de Albuquerque, presidente da Companhia, declaro que esta
certidão foi dada para os fins de todas as dúvidas e artigos e artigos e artigos da
Carta de esta Companhia. 11 de Junho de 1916

Francisco de Assis de Albuquerque

[Signature]

Implementação da Companhia Aquária

O imponente chafariz localizado na Praça da Purificação foi fabricado em bronze e trazido da Inglaterra por um dos filhos do Barão de Palma em 1870 sendo que na ocasião veio um técnico montá-lo, o que ocasionou uma fatura no valor de setenta contos de réis, que só foi pago dois anos depois, quando foi inaugurado no dia 14 de abril de 1872 como parte da implementação da “Companhia Aquária Sant’Amarense”, que como a outros chafarizes construídos: o da Praça do Rosário, o do Dois de julho, o do largo do Bomfim, o do Trapiche de Baixo, o da Rua do Sacramento e o de onde hoje é a Avenida Ruy Barbosa, foram adquiridos pela companhia e pelo governo da província na compra de 600 ações no valor de 30:000\$000 réis. E pelo vultoso valor pago na época (cerca de 16:000\$000 réis) chegou a ser hipotecado pelo Empresário, o Barão de Palma, Antonio de Freitas Paranhos Jr. o seu Engenho da Palma.

Chama-nos atenção pequenas divergências posteriores com a Câmara Municipal e a Companhia Aquária, como ter o empresário mandado usar uma carroça puxada por dois animais para conduzir o material, quando da construção, coisa proibida nas Posturas Municipais e, outra pela localização quando que os vereadores queriam que o chafariz da praça fosse instalado atrás do Paço da Prefeitura.



Obras da Companhia Aquária Santamarense

As obras de implementação da Companhia Aquária Santamarense, foi sendo arrastada por muitos anos, sendo causador de muitos problemas para a população pela falta de fornecimento e escavações em ruas e locais da recepção da água.

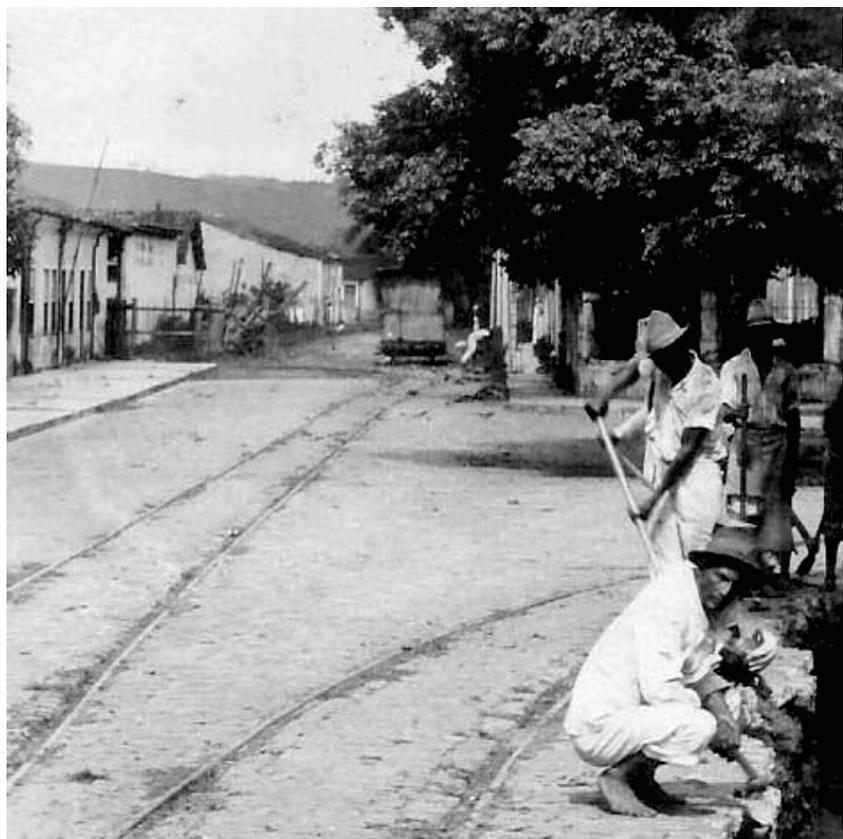
Com um capital inicial de 95:000\$000 réis, a companhia era obrigada a fornecer a cidade: "quarenta mil canadas de água" e logo depois comprometeu-se num contrato posterior de 1871, a fornecer "setenta e cinco mil canadas", tendo em Ato de 18 de março de 1871, pelo Presidente da Província, o Barão de São Lourenço, autorizado a elevação do Capital Inicial para 200:000\$000 réis com as novas providencia de tais ações no intento de chegar água "a um ponto ainda mais abaixo d'aquela cidade, de modo a aproveitar aos vapores que ali ancoram e a população que for affluindo para aquelles lados".



Obras da Companhia Aquária na Santa Luzia

Depois de anos, com o capital estimado em 500:000\$000 réis, foi estudado novas formas de ampliação, coisa que não se verificou, e já em 1924, devido ao aumento da população para 20.000 almas, eram preciso 3.000.000 de litros em 24 horas (ou 3.000 m³ /dia), numa razão de abastecimento de 150 litros por pessoas e ao dia, segundo a carta à companhia do Dr. Teodoro Sampaio, era preciso uma 'Reforma radical', tendo 250 penas e 6 chafarizes em funcionamento no então.

Em decreto estadual de 18-11-1965, foi o repassado 51% das ações da Companhia Aquária Santamarense ao Departamento de Engenharia Sanitária de Estado da Bahia (DESEB), sendo o Governador o Dr. Antônio Lomanto Junior, tornando-a sociedade de economia mista. Foi extinta no Governo de Dr. Antônio Carlos Magalhães quando foi repassado por vários órgãos até a atual EMBASA e construído nova adutora, nova rede de abastecimento de água e novo reservatório no Alto da Boa Vista (alto do São Francisco).



Cais de Araújo Pinho

Aqui, da música de Caetano Veloso nos c(a)onta: “O melhor o tempo esconde, longe, muito longe, mas bem dentro aqui, quando o bonde dava a volta ali... No cais de Araújo Pinho, tamarindeirinho nunca me esqueci, onde o imperador fez xixi...Bonde das Trilhos Urbanos, vão passando os anos e eu não te perdi...Mas aquela curva aberta, aquela coisa certa não dá pra entender, o Apolo e o Rio Subaé.

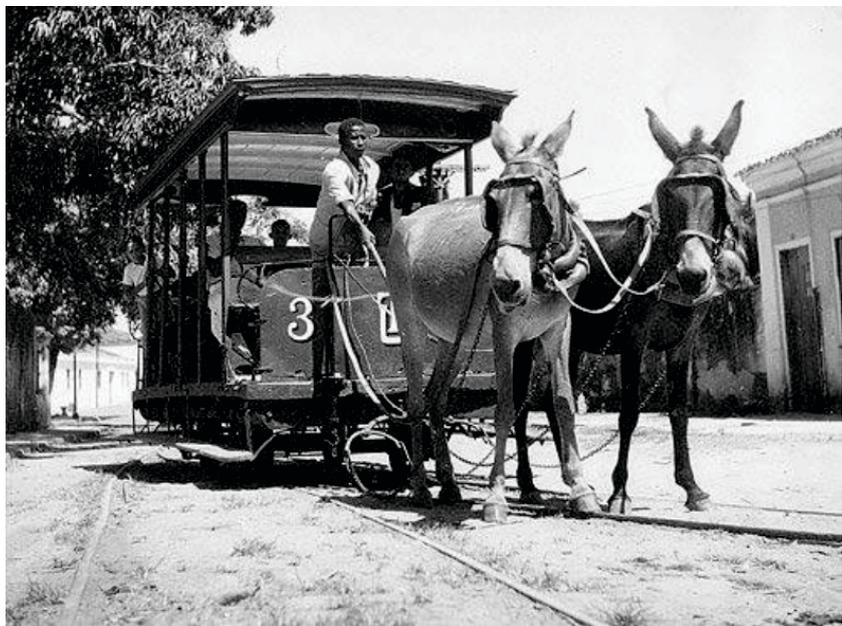
Fotografia provável de 1925 mostra obras de melhorias e ampliação do sistema de abastecimento, com abertura de canais nas ruas para a passagem da tubulação da Companhia Aquária.



Empresa dos Trilhos Urbanos

A seguir veremos uma série de fotografias referentes à evolução dos transportes terrestres na paróquia, vila e cidade de Santo Amaro que vai desde as liteiras ou cadeirinhas, passando para as charretes e carruagens, depois os carros de bois, padiolas, e, vindo a culminar nos bondes e marinetes.

Percorrendo um longo caminho de estrada colonial, abertos ainda em tempos remotos por desbravadores, animais e instrumentos rústicos, a estrada a que compunha aos transportes urbanos, foram iniciados pela “Empresa dos Trilhos Urbanos”, que a fez inaugurar ao dia 1º de abril de 1874, um serviço regular de bondes com tração animal, percorrendo um total (segundo projeto), de 41,2 Km, que ia desde o Engenho Partido e cais do Conde, até a rua Barão do Sergy (ponte do sacramento) e iria até o Engenho Subaé.



Bonde com passageiros

A respeito das troças que compunha o Bonde, eles possuíam cinco bancos fixados em colunas laterais para facilitar o embarque e desembarque, puxados por dois burros. Suas rodas de ferro deslizavam céleres pelos trilhos, levando e trazendo viajantes, turistas, cargas, comerciários e outros que iam pegar os vapores da Companhia da Bahiana, interligando o centro a outras áreas da cidade.

Havia três tipos de veículos em número de sete; o cara-dura, que não possuía encosto e ia por último lugar quando das viagens para embarque. O cara-dura custava 100 réis ou um Tostão, enquanto que os outros era expendido a quantia de 200 réis por viagem.



Trole do Bonde

O 'Trole' tinha apenas um tablado sem cobertura destinado ao transporte de cargas ao Conde. O bolieiro (condutor) assobiava, estalava o mangual e gritava: “passa-preto, avia angolinha, vamos japonesa”. Ocasionalmente acontecia de sair dos trilhos, obrigando seus passageiros a descer e ajudar o condutor a suspender e recoloca-lo sobre os trilhos.

Eram pontos de descida e subida: o porto do Conde, Ruas do Tauá, Trapiche de Baixo, Santa Luzia, Rua do Imperador, Praça do Rosário, Rua Direita, Praça da Purificação e Sergimirim.



O bonde 'especial'

O bonde 'especial' como é mostrado na imagem a seguir, era todo fechado como uma pequena classe de trem. Saía somente quando alugado para algum casamento, recepções ou conduções de altas personagens em visita.

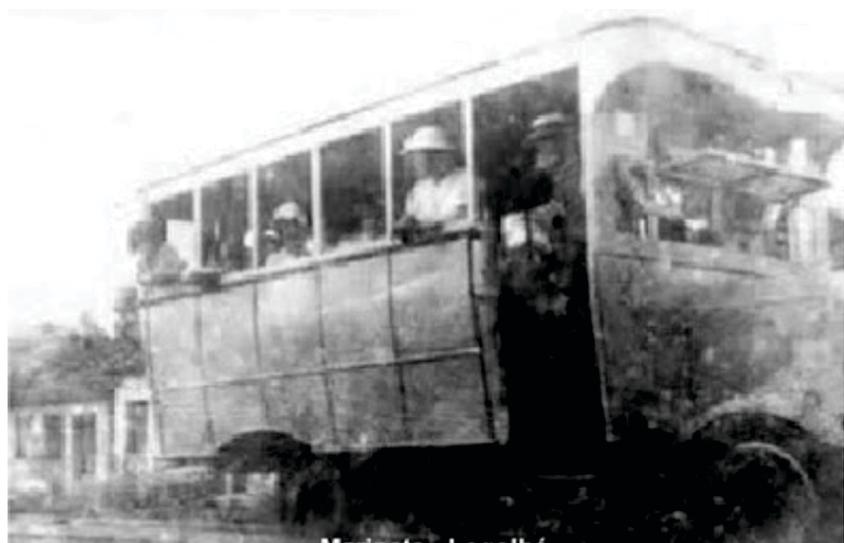
O planejamento de ampliação visando melhor atender os interesses de pessoas humildes até o Solar Visconde Ferreira (Antigo Engenho Subaé) por intervenção do Dr. Landulpho Alves, já estava decidida, inclusive com a aquisição de novos trilhos, foi desistido quando a Prefeitura (encapada da administração no momento) manda arrancar os trilhos desde o fim do antigo bêco do Armazém, prejudicando principalmente a população da zona norte da cidade.

O serviço aos poucos foi sendo extinto e desapareceram por completo em 1961.



A Marinete

Do período da industrialização, com o vapor e das estradas de ferro, e ainda nos anos trinta, é marcado com a chegada da Marinete, logo apelidado de “logolhó”, o primeiro ônibus da cidade e marca o período da modernização. O João da Marinete, como ficou conhecido seu condutor e seu coletivo, com o auxílio do gerador do veículo, garantiu, durante os freqüentes cortes de energia no tempo da guerra, a transmissão radiofônica da novela “O Direito de Nascer”, que fazia chegar à platéia reunida na Praça da Purificação para a audição do drama de Mamãe Dolores e Albertino Limonta.



Incêndio no Teatro São Pedro

Fotografia tirada na manhã seguinte ao incêndio mostra a destruição completa pelas chamas, do Teatro, que culminou em seu fechamento no dia 2 de outubro de 1910, domingo, durante a exibição do filme “Bombeiros Improvisados”, irrompendo o fogo na sala de projeção. Inaugurado em 12 de agosto de 1865, na antiga Praça do Rosário, sendo cópia fiel do Teatro São João em Salvador. Tinha 60 palmos de largura por 140 palmos de comprimento. Idealizado pelos homens cultos da época, como o Dr. Arnaldo Ernesto Vieira e do Barão de Vila Viçosa, possuía em seu pano de boca um alegoria das florestas do Brasil, com palco de 44 palmos de fundo por 34 de largura. A platéia possuía 200 cadeiras de madeira forradas em palhinha. Com dois pavimentos, continha no primeiro andar, 20 camarotes e no segundo, uma ampla varanda para 210 pessoas. Tinha Salão recreativo com cinco portas envidraçadas, grades de ferro na frente e duas de peitoril, com vidros, e iluminado a gás carbônico. Avaliado em 16:800\$000 réis.



Rua Direita

Rua de predomínio de casario, de grandes proprietários e herdeiros diversos, e de pequenas lojas de comércio, frios, bebidas e utilidades em geral, mostradas em duas fotografias de épocas diferentes, mas que conjugam em comum a diversidade de desenhos de suas construções, no enleio do contorno de suas ruas e que serviam também de passagem do bonde.



Loja de comércio

Um exemplo clássico da boa e sólida construção de época pode ser vista nesta fotografia a seguir da região do comércio. Casario situado hoje na região do semáforo, onde funcionou a Universal Móveis e atual Magazine Luiza, com muitas portas que se estendiam de uma rua a outra, negociava-se de tudo nessa região, frio, derivados, sisal carnes, farinhas, açúcar, grãos, etc., de toda a parte do estado e de fora, devido a proximidade ao atracadouro e quando que passava o bonde à frente em duas direções, em lateral para a praça 14 de Junho e ao centro da cidade e Sergimirim. A perceber seus senhores com trajes de época e carroças que transitavam com compras e mantimentos. Uma construção sólida também pode ser vista no sobrado ao lado que conserva alguns traçados da arquitetura original até hoje.



Cais da Avenida Getúlio Vargas

Foto panorâmica de época de Cais ao longo Avenida Getúlio Vargas em Santo Amaro. Demonstra o forte desempenho de uma cidade em pleno desenvolvimento, de economia arraigada, da sociedade dos engenhos, e que ostentava poder, por ser a capital do açúcar, 'brigando' até com a capital Pernambucana na cultura da cana e na veemência de ser herdeira direta na produção e resguardo desta. Vemos o rio em pleno navegável com algumas canoas em seu longo cais aberto construído ainda na primeira década do século XX.



Palacete Aramaré

Solar situado na Rua do Imperador, junto a um Trapiche de fumo. Residência oficial do Visconde de Aramaré em Santo Amaro da Purificação. Construído pelo italiano Rafael Pillar Baggi, aliado à família Gonçalves Martins pelo casamento com D. Ana Joaquina Martins Baggi, a quem o imóvel foi adquirido em 1859 por 50 contos de Réis pelos irmãos Antônio da Costa Pinto e Manuel Lopes da Costa Pinto, futuros Conde do Sergimirim e Visconde de Aramaré, respectivamente, a fim de instalarem suas famílias quando da visita do Imperador Dom Pedro II a Santo Amaro. Em março de 1864 o então ainda Barão de Sergimirim, por ter sua esposa herdado, conforme a tradição, outro sobrado na cidade, vendeu sua parte por 25 contos de réis ao irmão Manuel. O Palacete é exemplo do estilo neoclássico no Recôncavo, com um 'sabor' da arquitetura Italiana em suas arcadas, sua platibanda e seu terraço lateral.



Solar Aramaré - Imperador

Enchente no Rio Subaé

Fotografia de rua de uma das cheias no rio Subaé, em grande parte alagada junto a outras residências ribeirinhas, mostra a indústria de minérios em expansão no Recôncavo, principalmente com a instalação da indústria de ferro e aço, aos fundos, conhecida como 'Tarzan' por assemelhança a Carlos Trzan, seu proprietário, tendo vendido ele na década de 60 ao Grupo Votorantim do Dr. Ermirio de Moraes como Siderúrgica Santo Amaro. Considerada com a “mãe das Indústrias”, foi a primeira indústria pesada de ferro e aço do estado, estando em local estratégico pela facilidade e economia dos transportes por água, estradas, de ferro e rodagem, e pela abundância de matérias primas de qualidade superior.

Na Historiografia, tem-se a primeira enchente documentada de 1721, quando que depois de uma trovoada sobre a capital encheu o rio seus afluentes a ponto de inundar a vila e destruir muito açúcar existente nos seus trapiches.

Em 31 de outubro de 1874, durante nova cheia, toda a cidade ficou embaixo d'água, principalmente os da estrada do Jericó, forçando seus residentes a buscar abrigo nas colinas do engenho Mussuranga. Em 1909 e 1956 e 1959 também houveram novas cheias com fortes prejuízos para a população e comércio e geral.



O cais do Conde.

Considerado o maior do Recôncavo, o atracadouro do Conde sempre foi o local de ida e vinda de navios da Coroa. Após a revolução industrial, a navegação, com navios de vapor, foi iniciada, de Salvador para Santo Amaro, pela Companhia Bomfim, fundada pela Lei provincial nº 285, de 31-5-1847. Depois, foi ela transformada, passando a denominar-se Companhia Bahiana. A ponte de atracação foi construída pelo Governo, anos depois, em concreto armado, com cais e armagem de trânsito e local para passageiros, sobre bases de concreto, onde se era frequente a movimentação de cargas e viajantes. Frequente de embarções, que excediam o número de 30, dependendo da maré, viam no seu cais o embarque e desembarque de frutas, mantimentos, caixas de 'assucar' e tabacos, cachaças, águas ardentes de seus mais de 30 famosos Alambiques, molhados, carnes e passageiros para as ilhas, vilas e paróquias alderedor Recôncavo . Dai seguia o Bonde até o centro da cidade. Em 1934 foi construído um Barracão no Porto.



Rua General Argolo

Abrindo vias de melhorias na urbanidade da cidade pode ser visto no calçamento e alargamento de ruas suburbanas e de encontro ao centro, como Trapiche de Baixo, Bomfim, Alto do São Francisco, 02 de Julho, Sininbú e esta do Sacramento, na Rua General Argolo, onde é possível ver também postes de energia, tendo a iluminação pública e domiciliar elétrica em Santo Amaro ponto de início com a fundação, em 1918, da “Companhia Luz e Força” que posteriormente foi incorporada a Companhia de Eletricidade da Bahia e hoje pertence à COELBA.



Escola Pública

Vista da Escola Pública, Araújo Pinho, atualmente funciona o Centro de Culturas e Linguagens da Universidade federal do Recôncavo Baiano. Edifício de elegante construção teve por muito tempo conhecido como Escola Pública Araújo Pinho e ligado à secretaria de Educação do Município, e por estar na área do Solar onde habitava o então historiador e professor e membro da Academia de Letras da Bahia e do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, o Dr. Wanderley de Araújo Pinho.

Prédio de acintosa engenharia e maestria na construção e alvenaria, provavelmente à época do Solar (Casa do Samba), passou por algumas breves modificações, mas conserva-se em pleno funcionamento até hoje.



Solar Araújo Pinho

Fotografia da fachada do Solar, antes de sua grande reforma.

Pedro Rodrigues Bandeira, proprietário do Engenho Subaé, em 10 de maio de 1809 comprou de Manoel Joaquim Alves e de sua mulher Dona Ana Maria da Paixão Oliveira por 1.050\$000 réis essa “casa de sobrado sem quintal” na então vila de Santo Amaro, o que ficou por um tempo conhecido como Solar do Conde de Subaé.

Depois, com o passar dos anos, chamado de Solar Araújo Pinho, chegou a receber um Museu de Móveis organizado pelo Historiador e filósofo Wanderley Pinho com peças, móveis, e mobiliário artístico de diversos estilos, quando de sua morte, seus herdeiros acabaram levando as peças e outras se deterioraram, sendo o Solar entrado em descuido e por um tempo abandonado.

O prédio é tombado pelo IPAC como Patrimônio da Humanidade e atualmente é sede da Casa do Samba e da ASSEBA (Associação dos Sambadores e Sambadeiras do Estado da Bahia).



Companhia Alcoólica da Bahia

Durante muito tempo a produção de álcool em destilarias e alambiques em santo amaro foi intensa, prova disso era a existência de centros de fabricação de aguardente no Trapiche de Baixo, Santa Luzia e lado oposto do rio, onde havia um local conhecido como “Meleira grande”, “Meleira pequena” e “Destilaria Modelo”, todas com grande capacidade de produção diária de 3 a 4 pipas.

No final do século XIX são implantadas as primeiras usinas alcoólicas, diferentes dos alambiques e casas de cachaça e destilarias comuns, uma realidade sócio-econômica e tecnológica diferentes dos engenhos, contribuindo assim de certa forma, para a decadência dos mesmos.

A companhia Alcoólica da Bahia, construída no Bairro da Caiera, era exemplo disto. Com produção invejável em relação ao outras companhias nacionais, funcionou por muito tempo como atividade econômica na região, resultando na degradação de sua bonita construção depois de fechada, restando apenas a torre da chaminé nos dias de hoje.

Surgiu em 1914, por iniciativa do empreendedor Dr. Antônio Lacerda que organizou uma sociedade da qual faziam parte capitalistas, bahianos, com modernos aparelhos comprados na Inglaterra, que produziam destilados de cachaça e de álcool, licores finos, rum, gin e outras bebidas. Possuía uma produção diária de 30 pipas de aguardente que era vendido por menor preço do que as demais, pondo uma concorrência desleal às demais destilarias, sendo muitas obrigadas a fechar. Seu sistema de fermentação era rápido (em 24 horas), enquanto o das demais destilarias era de 15 a 20 dias. A cachaça por esse sistema tinha sempre um “ranço” uma “inhaca”, mas que não deixava de ser consumida.

Na fotografia também é possível ver os trilhos do Bonde que ia do Cais do Conde até a cidade.



BIBLIOGRAFIA

ANPUH. Anais do Simpósio Nacional de Professores Universitários em História. Revista e anais eletrônicos.

BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas - Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

LEAL, Herundino da Costa. História de Santo Amaro. Imprensa oficial da Bahia, 1964.

LE GOFF, Jacques. "Documento/monumento", In: Memória-História, Enciclopédia Einaudi, VOL.I. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985.

MAGALHÃES, Pablo Antônio Iglesias. "A relação do Engenho de Sergipe do Conde em 1625". Revista Afroasia, UFBA. Disponível em: <http://www.redalyc.org>

MAUAD, Ana Maria Mauad. "Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces". Artigo em versão digital. 1996.

PAIM, Zilda. Isto é Santo Amaro. 3ª Ed. Salvador: Academia de Letras, 2005.

PEDREIRA, Pedro Tomás. Memória Histórico-Geográfica de Santo Amaro. Brasília, Senado Federal, 1977.

OLIVEIRA, Tiago Teixeira. "Santo Antônio do Rio Fundo, Breve História de um Engenho". Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH São Paulo, julho 2011.

OTT, Carlos. O povoamento do recôncavo baiano pelos engenhos 1536-1888. Bigraf. 1996.

PINHO, José Wanderley de Araújo. "Proteção dos monumentos públicos e objectos históricos". In.: Coletânea de textos históricos. Vol. 43. Pg. 194, 1917. Artes gráficas, Salvador, 1990.

SANTANA, Denilson Conceição. A Rainha do Recôncavo, História do Engenho do Conde. Denilson Conceição Santana. - Recôncavo Baiano: Editora Faz de Conta, 2015, 5ª edição.

SCHWARTZ, Stuart. Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550 - 1835. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

